

O SINAL *DIVERSOS* COMO MARCADOR DE HIPERÔNIMO EM LIBRAS

THE SIGN *DIVERSOS* AS A HYPERNYM MARKER IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE

Carlos Alberto Matias de Oliveira (UNEAL)¹

Geceilma Oliveira Pedrosa (UFRR)²

Alexandre Melo de Sousa (UFAL)³

Resumo: Este estudo tem por objetivo investigar o sinal *DIVERSOS* na Libras enquanto marcador hiperonímico, analisando seus padrões composicionais. Enquanto aporte teórico, este trabalho se apoia nos estudos da Semântica Lexical (Cançado, 2008, 2016) e dos estudos realizados acerca de hiperônimos em Libras (Reis; Quadros, 2024; Santos et. al, 2024). O recorte metodológico incide numa pesquisa, baseada em análise de *corpus* do Dicionário do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), que se propõe a investigar sistematicamente a atuação do referido sinal como operador de categorização lexical, formando estruturas hiperonímicas por meio de processos de justaposição com outros itens lexicais. Foram analisados sete sinais compostos que demonstram padrões recorrentes: (1) manutenção do parâmetro manual de *DIVERSOS* combinado a traços específicos do hipônimo; (2) atribuição de valor categorial amplo; e (3) estabelecimento explícito de relações taxonômicas. Os resultados evidenciam a produtividade morfossemântica deste marcador hiperonímico na estruturação do léxico da Libras. Conclui-se que o sinal *DIVERSOS* constitui um operador semântico fundamental na Libras, cuja sistematicidade composicional reforça a complexidade gramatical e a capacidade categorizadora desta língua, demandando políticas linguísticas que valorizem tais peculiaridades em diferentes âmbitos sociais.

Palavras-chave: libras; hiperonímia; semântica lexical; marcador *DIVERSOS*.

Abstract: This study aims to investigate the sign *DIVERSOS* (meaning “various” or “diverse”) in Brazilian Sign Language (Libras) as a hyperonymic marker, analyzing its compositional patterns. Theoretically, this work draws on studies in Lexical Semantics (Cançado, 2008, 2016) and research on hyperonyms in Libras (Reis;Quadros, 2024; Santos et al., 2025). The methodological approach involves a corpus-based analysis of the INES Dictionary, systematically examining the sign's role as a lexical categorization operator, forming hyperonymic structures through juxtaposition with other lexical items. Seven compound signs were analyzed, demonstrating recurrent patterns: (1) maintenance of the manual parameter of *DIVERSOS* combined with specific features of the hyponym; (2) attribution of a broad categorical value; and (3) explicit establishment of taxonomic

¹ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Docente na Universidade Estadual de Alagoas (Uneal). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Observatório da Linguagem em Uso (ObservU/CNPQ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5879-5999>. E-mail: carlos.oliveira@uneal.edu.br. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001/ This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

² Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Docente na Universidade Federal de Roraima (UFRR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2963-0757>. E-mail: ilma.librasbv@gmail.com

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Professor Titular na Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Líder do Grupo de Pesquisa G-ESLIN (Educação de Surdos, Libras e Inclusão). Bolsista Produtividade CNPq (PQ-2). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2510-1786>. E-mail: alexandre.sousa@fale.ufal.br

relationships. The results highlight the morphosemantic productivity of this hyperonymic marker in structuring the Libras lexicon. It is concluded that the sign DIVERSOS constitutes a fundamental **semantic operator** in Libras, whose compositional systematicity reinforces the grammatical complexity and categorizing capacity of this language, demanding linguistic policies that value such peculiarities in different social contexts.

Keywords: libras; hyperonymy; lexical semantics; DIVERSOS marker;

Considerações iniciais

O recente reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) enquanto língua oriunda das comunidades surdas brasileiras justifica, em grande parte, o caráter igualmente recente de descrição e análise sistemática dessa língua visuoespacial. Os primeiros decênios deste século foram essenciais para a consolidação das pesquisas sobre a Libras e sobre a pessoa surda em distintas esferas do tecido social (Oliveira; Stella, 2024). Embora tal período ainda não se equipare à longa tradição de estudos dedicados às línguas orais, os avanços alcançados até o presente demonstram um progresso significativo e profícuo, tanto no que se refere ao reconhecimento da Libras como sistema linguístico pleno, como na elucidação de suas particularidades – algumas das quais se aproximam, enquanto outras se distanciam das línguas vocalizadas.

A especificidade da Libras (e de outras línguas de sinais) no que concerne aos processos articulatórios e aos canais de recepção visual não deve ser compreendida como um traço de limitação ou inferioridade, mas, ao contrário, como uma expressão da diversidade e riqueza da linguagem humana em suas múltiplas formas de organização, sistematização e expressão. Nesse contexto, o funcionamento do sistema linguístico da Libras desempenha um papel fundamental na comunicação entre pessoas surdas e também pessoas sinalizantes dessa língua (Quadros; Karnopp, 2004). As línguas de sinais estruturam a maneira como seus usuários percebem, recortam e apreendem a realidade, (re)modelando suas identidades e influenciando suas interações e posicionamentos no e com o mundo.

Ante esse cenário, a disseminação do conhecimento linguístico sobre a Libras torna-se uma medida indispensável para a desconstrução de estereótipos que ainda persistem no imaginário social, como a errônea concepção de que as línguas de sinais seriam, sob um viés de subalternização, meras traduções visuais das línguas orais. Contrariando essa visão reducionista, os estudos linguísticos têm demonstrado que a Libras constitui um sistema autônomo, dotado de processos morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos próprios, plenamente capaz de expressar tanto conceitos concretos quanto abstrações complexas (Quadros; Karnopp, 2004; Quadros, 2019; Quadros et al., 2025).

Visando contribuir para a ampliação dos estudos descritivos que tomam por mote a Libras e seu funcionamento, estabelecemos como foco das reflexões aqui empreendidas uma análise acerca de marcadores de hiperônimos em Libras. Isso fazemos, pois, a linguagem, em sua complexidade e dinamismo, não se constitui apenas de unidades lexicais isoladas, mas sim de uma intrincada rede de relações semânticas que possibilitam a categorização e a organização do pensamento humano. Entre essas relações, a hiperonímia se destaca como um mecanismo fundamental, pois estabelece hierarquias conceituais que estruturam a comunicação e refletem a forma como apreendemos e sistematizamos o mundo ao nosso redor. Em interações diárias, frequentemente recorremos a hiperônimos para generalizar informações ou transmitir conceitos de maneira mais abrangente. Ao afirmar que as *frutas estão frescas hoje*, um falante se exime da necessidade de listar cada tipo de fruta individualmente, concentrando-se na ideia central.

No contexto educacional, a compreensão das relações hiperonímias contribui para um aprendizado mais fluido de novos vocábulos e fomenta o aprimoramento da capacidade

argumentativa dos discentes. O conhecimento e exercício desse recurso lexical pode ser percebido na reformulação de textos por meio da substituição de hipônimos por hiperônimos, favorecendo uma escrita mais refinada e articulada. Ademais, no âmbito tecnológico, a inteligência artificial se vale intensamente da hiperonímia para organizar bases de dados e aprimorar sistemas de busca e reconhecimento semântico. Mecanismos de busca, como o *Google*, operam com algoritmos que identificam relações hiperonímicas para refinar resultados, oferecendo respostas mais precisas às consultas dos seus usuários. Ao organizarem os léxicos das línguas em redes hierárquicas, há uma contribuição para a eficiência comunicativa, para o desenvolvimento cognitivo e para a evolução tecnológica. O estudo sobre as relações hiperonímicas, portanto, não se restringe ao campo da linguística, mas atravessa diversas áreas do conhecimento, reafirmando a indissociabilidade entre língua, mente e sociedade.

Diante dessas considerações, este estudo se debruça sobre um dos mecanismos de marcação de hiperônimos em Libras. Não é nosso intento realizar um levantamento exaustivo dos marcadores hiperonímicos na língua, uma vez que as delimitações impostas pelo gênero artigo inviabilizariam uma abordagem tão ampla. Assim, optamos por um recorte específico, movidos pela seguinte questão norteadora: o sinal de *DIVERSOS*⁴ em Libras pode, em dados contextos e sob regras específicas do sistema linguístico, desempenhar a função de marcador de hiperônimo, organizando e hierarquizando categorias lexicais dentro dessa língua de sinais? De modo a respondê-la, traçamos como objetivo deste artigo: investigar o sinal *DIVERSOS* na Libras enquanto marcador hiperonímico, analisando seus padrões composicionais. Para alcançar o objetivo aventado, estruturamos este artigo em quatro (04) seções, além desta introdução.

A próxima seção, intitulada *Filiações teóricas: a semântica lexical e as relações hiperonímias*, discorre acerca dos referenciais epistemológicos que fundamentam esta pesquisa. Em seguida, na seção *Hiperônimo em Libras*, discorremos sobre como a hiperonímia tem se manifestado nessa língua, considerando pesquisas recentes e suas observações acerca das especificidades de uma língua de modalidade visuoespacial. Na seção *Aspectos metodológicos*, nos debruçamos sobre os procedimentos adotados para alcançar o objetivo proposto. Posteriormente, em *O sinal DIVERSOS como marcador de hiperônimo em Libras*, expomos os dados coletados e conduzimos uma análise crítica da materialidade linguística encontrada. Por fim, tecemos algumas *Considerações finais* e apresentamos as *Referências* que embasam esta investigação.

2 Filiações teóricas: a semântica lexical e as relações hiperonímias

Este trabalho insere-se no campo da Semântica Lexical, alinhando-se às contribuições de Brandão (1990), Cançado (2016) e Amaral (2016). Em *Introdução à Semântica Lexical* (2016), Cançado estabelece uma interface entre sintaxe e semântica, explorando as relações estruturais e interpretativas do léxico. A autora destaca que a Semântica Lexical se distingue de outras vertentes por seu caráter representacional: enquanto a Semântica Formal preocupa-se com a correspondência entre signos linguísticos e elementos extralinguísticos, a Semântica Lexical concentra-se na organização interna do significado no léxico mental, investigando como as palavras são cognitivamente estruturadas e como seus sentidos influenciam a construção sintática.

Um dos pilares dessa abordagem é a categorização lexical, que organiza as palavras em redes hierárquicas de relações semânticas. Cançado (2016) examina conceitos como campos lexicais — conjuntos de vocábulos pertencentes a um mesmo domínio conceitual — e relações lexicais, com ênfase em hiponímia e meronímia. Dentre essas, a hiperonímia assume papel central ao estabelecer vínculos entre termos de maior generalidade e seus subconjuntos específicos.

⁴ Neste trabalho, o termo em questão será grafado em caixa alta e itálico quando se referir especificamente ao sinal em Libras. As demais palavras que correspondem a sinais também serão apresentadas apenas em caixa alta, sem o uso do itálico, para fins de distinção.

Os hiperônimos, por sua natureza abrangente, estruturam o léxico de forma hierárquica. Por exemplo, *ser vivo* é hiperônimo de *animal* e *planta*, que, por sua vez, abarcam hipônimos mais específicos, como *mamífero* e *árvore*, respectivamente. Essa organização não apenas facilita a aquisição lexical, mas também influencia a realização sintática em contextos discursivos. Em Dubois *et al* (1975), encontramos que o hiperônimo constitui um termo cuja significação se dá a partir da inclusão de sentido(s) dos hipônimos – estes, portanto, constituindo partes de um todo. Segundo Lyons (1977), a essência da hiperonímia reside na capacidade de um termo de significado mais amplo (hiperônimo) englobar semanticamente outros de sentido mais restrito (hipônimos), caracterizando-se por uma relação assimétrica de inclusão semântica. Essa generalidade conceitual manifesta-se em pares lexicais como *animal-cachorro* ou *móvel-cadeira*, em que o primeiro elemento representa uma categoria superior que abarca o segundo como instância particular.

Cruse (1986) propõe um teste operacional para identificar essa relação: a substituição do hipônimo pelo hiperônimo sem prejuízo da coerência semântica, como na transformação de *Ele comprou um pastor-alemão* para *Ele comprou um cachorro*. Além disso, os hiperônimos funcionam como pontos centrais em redes semânticas, estruturando domínios conceituais como o campo das frutas (*maçã, banana*) ou dos veículos (*carro, ônibus*).

Do ponto de vista cognitivo, Murphy (2003) ressalta que os hiperônimos apresentam neutralidade semântica, carecendo dos traços específicos que caracterizam seus hipônimos. Por exemplo, no par *flor-rosa*, o segundo termo acrescenta atributos como com espinhos ou cheiro marcante. A produtividade dessa relação, conforme Lehrer (1974), manifesta-se na capacidade dos hiperônimos incorporarem novos hipônimos à medida que a língua evolui — fenômeno visível na expansão de termos como *software*, que hoje abarca *aplicativo, sistema operacional* e, mais recentemente, *IA generativa*. Pesquisas psicolinguísticas, como as de Rosch (1978), demonstram que os hiperônimos ocupam uma posição privilegiada nos processos de categorização, sendo ativados preferencialmente em tarefas de classificação conceitual. Contudo, é crucial distingui-los de outras relações semânticas, como alerta Lyons (1977):

- A meronímia (relação parte-todo, como *braço-corpo*);
- As associações funcionais (como *médico-cirurgião*);

Assim, a identificação de um hiperônimo válido requer a convergência de múltiplos critérios: generalidade semântica, substituíbilidade contextual, integração em campos lexicais, neutralidade conceitual, produtividade lexical e relevância cognitiva (Vereza, 2000; Ferreira, 2018; Fernandes, 2021). A organização hierárquica do léxico não é rígida: o contexto desempenha um papel determinante na definição dessas relações. Um mesmo termo pode assumir funções distintas — hiperônimo, hipônimo ou co-hipônimo — dependendo da estrutura discursiva. Por exemplo:

- *Maçã* como hiperônimo em relação a variedades específicas (*maçã-verde, maçã-fuji*);
- *Maçã* como co-hipônimo de *banana* sob o hiperônimo *frutas*.

De acordo com Antunes (2005), os hiperônimos funcionam como recursos de progressão textual, permitindo substituições lexicais que evitam repetições e garantem coerência. A autora os descreve como *cartas de baralho que cabem em muitos lugares*, destacando sua versatilidade na estruturação discursiva. Silva (2013) acrescenta que, além da hiperonímia, processos como sinonímia e reiteração também contribuem para a construção do sentido e a articulação textual. O estudo da hiperonímia configura-se, portanto, como elemento fundamental não apenas para a compreensão da organização lexical, mas também para a análise dos processos cognitivos subjacentes à categorização linguística. Sua aplicação estende-se ao ensino de línguas, à prática tradutológica e ao desenvolvimento da competência comunicativa, reforçando a importância de seu domínio tanto na teoria quanto na prática linguística.

2.1 Hiperônimos em Libras

No contexto da Libras, pesquisas recentes têm investigado a hiperonímia em domínios como aquisição de língua e estudos da tradução. Santos, Grutzmacher e Sedrins (2023) conduziram um estudo comparativo entre crianças surdas e ouvintes, analisando mecanismos de categorização lexical, com foco nas relações hiperonímicas e hiponímicas em Libras e português. Os resultados indicam que ambos os grupos privilegiam hiperônimos (termos gerais como *cachorro* ou *pássaro*) em detrimento de hipônimos específicos (*pastor-alemão*, *bem-te-vi*), sem diferença estatística significativa. Contudo, as estratégias para lidar com a especificidade lexical divergem conforme a modalidade linguística, revelando particularidades na organização do léxico em línguas de sinais.

Na Libras, os hiperônimos não apenas cumprem uma função categorizadora, mas também servem como base para a construção dinâmica de significados. Diante da ausência de um sinal lexicalizado para um hipônimo, os autores observam que crianças surdas recorrem a estruturas composicionais criativas, combinando o hiperônimo com modificadores — seja por meio de atributos físicos (*CÃO + ORELHA-PONTA* para *pastor-alemão*), seja através de representações icônicas que capturam traços distintivos do referente. Esse processo evidencia a plasticidade da Libras, em que a modalidade visual-espacial permite integrar elementos manuais e não manuais (expressões faciais, movimentos corporais) para maior precisão semântica.

A predominância de hiperônimos em ambas as línguas sugere que a generalização lexical é uma estratégia cognitiva universal na infância, independentemente da modalidade linguística. No entanto, o estudo revela que crianças surdas sem exposição precoce à Libras tendem a depender mais dessas estruturas amplas, reforçando a importância de um *input* linguístico rico e especializado desde os primeiros anos. Enquanto ouvintes utilizam predominantemente itens lexicais convencionais (*gorila*, *pica-pau*), surdos demonstram maior flexibilidade na construção de hipônimos, muitas vezes ausentes no léxico padrão da Libras.

Santos, Silva e Sousa (2024), em outro estudo, investigam como adultos surdos e ouvintes estabelecem relações hiponímicas e hiperonímicas na Libras. Participaram da pesquisa 10 surdos adultos e 10 ouvintes adultos. O estudo mostrou que os surdos adultos privilegiam os usos de hipônimos ou de combinações de hiperônimos com modificadores. Os ouvintes usaram hiperônimos com mais frequência (65,9%).

Ao tratar especificamente sobre os tipos de hipônimos, os resultados mostraram que os surdos adultos utilizaram os hipônimos representados por itens lexicais padrão corresponderam a 12,4%, e os ouvintes adultos usaram em 92,3%. Quanto aos hiperônimos combinados com modificadores, os resultados mostraram que os surdos adultos privilegiaram em 87,6%, ao passo que os adultos ouvintes utilizaram apenas em 7,7% dos casos.

Reis e Quadros (2024), por sua vez, analisam a hiperonímia em Libras a partir de um *corpus* paralelo Português-Libras, revelando como essa relação semântica se manifesta distintamente devido à natureza visuoespacial das línguas de sinais. Enquanto nas línguas orais a hiperonímia atua como uma substituição hierárquica estável (ex.: *animal* por *cachorro*), na Libras ela assume um caráter dinâmico, multimodal e contextual. A pesquisa demonstra que os hiperônimos em Libras não funcionam como meros substitutos lexicais, mas como elementos integrados a uma rede multimodal de significação. Por exemplo, ao sinalizar “(IX) GORILA MACACO *ef<triste>*”, o sinalizante não apenas substitui um termo por outro, mas constrói uma relação semântica complexa, na qual o hiperônimo *MACACO* adquire novas camadas de significado por meio da expressão facial, tornando-se um recurso discursivo intencional.

As autoras ainda observam como a espacialidade da Libras desempenha papel crucial nesse processo. De acordo com elas, a retomada de referentes por hiperônimos (anáfora por hiperonímia), frequentemente, envolve o uso estratégico do espaço de sinalização, com apontamentos manuais e direcionamento do olhar para *loci* previamente estabelecidos. Em estruturas como “(IX) EL@ CACHORRO”, o pronome espacializado não apenas recupera o

referente, mas também reforça a coesão discursiva, demonstrando como a hiperonímia na Libras está intrinsecamente ligada à organização espacial do texto sinalizado (Reis, Quadros, 2024, p. 55).

Para as autoras, a iconicidade também se revela fundamental, uma vez que, classificadores como a configuração manual que representa “animal rastejando”, permitem construir representações hiperonímicas que antecedem a introdução de hipônimos específicos. Esse fenômeno é evidente em sequências como “CL (animal rastejando) → IX(EL@) JACARÉ”, em que a relação hiperonímica se estabelece de forma invertida em comparação com línguas orais, partindo do geral para o específico (Reis, Quadros, 2024, p. 55).

Segundo as autoras, quando diante da ausência de sinais convencionais para certos hipônimos, a Libras recorre a estratégias criativas como *Datilologia Integrada* (“BACTÉRIA NOME <A-N-T-R-A-Z>”); *Composições Semânticas* (“CACHORRO + ORELHA-PONTA” para “pastor-alemão”). Esses mecanismos evidenciam dois padrões de referência hiperonímica na Libras: a) Hiperônimos convencionais associados a apontamentos espaciais (semelhante a línguas orais); b) Estruturas icônicas com classificadores e gestualidade, que permitem mostrar o referente enquanto o categorizam.

Essas observações conduzem a uma reinterpretação da hiperonímia nas línguas de sinais. Longe de ser uma simples relação de substituição, ela revela-se um fenômeno complexo, que integra recursos lexicais, espaciais e não manuais para construir significados contextualizados, como a construção do hiperônimo carregando em seu interior todos os traços lexicais do hipônimo. A Libras, com sua gramática visuoespacial, desenvolveu mecanismos sofisticados para lidar com generalizações e especificações lexicais, indicando que a categorização semântica nessas línguas opera sob princípios que transcendem os modelos tradicionais baseados em línguas orais.

Esses achados desafiam a noção de que as línguas de sinais possuem lacunas lexicais, apontando, antes, para um sistema semântico robusto que compensa a ausência de termos específicos por meio de mecanismos gramaticais e pragmáticos próprios. A hiperonímia na Libras reflete a eficiência cognitiva e linguística das línguas de sinais, em que economia de sinais e iconicidade conjugam-se para construir significados complexos e contextualmente adequados.

As relações hierárquicas entre sinais – como hiperônimos (animal) e hipônimos (*cachorro*, *gato*) – seguem os mesmos princípios cognitivos discutidos anteriormente (Rosch, 1978), mas com particularidades. Muitos hiperônimos em Libras são representados por classificadores (sinais que categorizam objetos por forma, tamanho ou função), os quais funcionam como nós centrais em campos lexicais (Quadros; Karnopp, 2004). Por exemplo, o classificador para *veículo* pode ser especificado para *carro*, *ônibus* ou *bicicleta* mediante pequenas modificações articulatórias.

- Iconicidade e Abstração: enquanto alguns sinais hiperônimos são abstratos (ex.: *SENTIMENTO*), outros mantêm traços icônicos que reforçam sua relação com hipônimos (ex.: o sinal *ÁRVORE* pode derivar de um gesto mais genérico para *planta*).

Estudar a semântica lexical da Libras à luz das teorias já consolidadas para línguas orais tanto contribui para a validação de seu *status* de língua natural (Ferreira Brito, 1995), quanto para evidenciar suas singularidades expressivas. Ao mapear como os sinais se relacionam e adquirem significado, fortalecemos não apenas o acesso linguístico, mas também o respeito à diversidade humana – um imperativo ético em sociedades verdadeiramente inclusivas.

3 Aspectos metodológicos

Com vistas a atingir o objetivo aventado, que é investigar a função do sinal *DIVERSOS* em Libras, considerando seu potencial como marcador hiperonímico, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa com levantamento de *corpus*, que permite quantificar a recorrência e

distribuição do sinal em corpora de Libras e qualificar suas funções semântico-pragmáticas, com base em análises contextuais aprofundadas. Como destacado por Minayo (2012), essa dualidade metodológica não é dicotômica, mas complementar, pois, enquanto os dados quantitativos revelam padrões de uso “visíveis” (frequência, distribuição), a análise qualitativa explora o universo dos significados implícitos – essencial para compreender como *DIVERSOS* opera como recurso de generalização lexical em Libras.

Tal combinação de métodos é particularmente adequada para este estudo porque os hiperônimos, conforme estabelecido nas seções anteriores (com base em Lyons, 1977; Cruse, 1986), são definidos por critérios formais (substituibilidade, generalidade) e cognitivos (neutralidade semântica, relevância contextual). Na Libras, a modalidade visuoespacial exige atenção a elementos não mensuráveis apenas estatisticamente (expressão facial, variação articulatória), conforme discutido na análise semântica da Libras (Boldo; Stumpf, 2023; Quadros; Karnopp, 2004).

3.1 Geração dos dados

O espaço selecionado para geração de dados compreendeu o Dicionário do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), disponível em formato virtual⁵. A escolha do Dicionário do Ines justifica-se por este instituto representar a principal referência nacional em Libras e educação de surdos, sendo uma fonte e amplamente reconhecida no cenário brasileiro.

Para a construção do *corpus* desta pesquisa, adotou-se como estratégia metodológica a busca pela configuração manual (CM nº28) do sinal *DIVERSOS* na plataforma. O critério de seleção limitou-se aos casos em que esse sinal ocorresse em estruturas composicionais, analisando-se tanto processos de justaposição quanto de aglutinação, com o objetivo de examinar os significados emergentes da combinação do sinal *DIVERSOS* com outros itens lexicais da Libras.

O dicionário online do Ines, com seu acervo com cerca de 6 mil verbetes em Libras, mostrou-se particularmente adequado para esta investigação. Sua funcionalidade de busca avançada permite: i) a consulta pontual de sinais isolados; ii) a observação de seus usos em contextos frasais e iii) a análise de variações composicionais. Como resultado dessa abordagem metodológica, identificou-se um conjunto de sete sinais que incorporam semanticamente o traço de *DIVERSOS* em sua formação, a saber: TRANSPORTES, JOIAS, METAIS, POLIGLOTA, MOBÍLIAS, VERDURAS E VESTUÁRIOS.

O processo de mineração de dados ocorreu em três etapas: inicialmente, realizou-se a busca por parâmetros (Configuração de Mão), filtrando sinais que utilizavam a CM nº 28. Em seguida, aplicou-se um filtro morfológico para excluir sinais simples (monomofêmicos) e sinais em que o movimento não correspondia à trajetória de afastamento retilíneo. Por fim, realizou-se a análise semântica dos compostos resultantes, selecionando aqueles que apresentavam uma relação de inclusão do tipo X é um tipo de Y, totalizando os 7 itens que compõem o *corpus* final.

Em virtude da natureza dinâmica dos sinais da Libras registrados em vídeo, optamos por um método alternativo de documentação que garantisse maior clareza para análise, já que capturas de tela convencionais poderiam resultar em imagens distorcidas ou com perda de nitidez. Como nosso foco recai sobre aspectos lexicais e morfológicos - e não em detalhes fonético-fonológicos que exigiriam análise minuciosa de traços articulatórios -, uma pessoa voluntária, fluente em Libras, reproduziu os sinais em estudo, que foram então fotografados em alta resolução nos momentos-chave de sua articulação (preparação, ápice e finalização). Essas imagens foram padronizadas quanto ao fundo, à iluminação e ao contraste para garantir identificação precisa dos parâmetros manuais. Ademais, foi reproduzido o mesmo sinal pela pessoa voluntária e o vídeo foi depositado na plataforma YouTube.

⁵ Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em 25 de fev. de 2025.

A decisão de contar com uma pessoa voluntária fluente para a reprodução dos sinais, em detrimento do uso de *frames* extraídos diretamente do Dicionário do INES, pautou-se na necessidade de controle experimental. Capturas de vídeo pré-existentes muitas vezes apresentam borrões de movimento (*motion blur*) ou ângulos que obscurecem as configurações de mãos e movimentos. Para resguardar a fidelidade do *corpus*, os sinais produzidos pela pessoa voluntária foram submetidos a uma rigorosa checagem de correspondência. Esse procedimento confirmou a correspondência exata dos parâmetros fonológicos (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais) em relação aos verbetes-fonte do Dicionário do INES, validando a reprodução para fins de análise antes do registro fotográfico definitivo. A produção controlada permitiu a padronização do enquadramento e a captura em alta resolução dos quatro momentos articulatórios críticos: configuração inicial, ponto de contato/articulação, trajetória de afastamento e movimento interno dos dedos.

Para manter a integridade dos dados originais e permitir verificação complementar, cada sinal foto documentado foi vinculado a um QR Code (Quick Response Code) que direciona ao vídeo correspondente na plataforma do YouTube. Ademais, para assegurar a transparência ativa da pesquisa, cada sinal foi acompanhado de Identificadores Digitais (URLs) que remetem ao *input* original (INES) disponíveis nas notas de rodapé. Para acessar os vídeos, basta clicar nos links e no QR Code.

Reconhecemos que, embora o método fotográfico não capture integralmente a dinâmica do movimento (daí a importância dos vídeos complementares), ele se mostra adequado para análise lexical, especialmente quando trabalhado com materiais do acervo padronizado do INES, que servem como referência confiável para o estudo do sinal *DIVERSOS* em sua potencialidade enquanto marcador hiperonímico.

A opção pelo uso de fotografias estáticas aliadas a links para acesso aos vídeos originais responde a um desafio metodológico inerente às línguas de sinais, que é a transposição da tridimensionalidade para o suporte bidimensional do papel. Ao fixar os momentos-chave da articulação (parâmetros de configuração manual e ponto de articulação), permitimos uma análise morfológica precisa, enquanto o acesso aos metadados em vídeo garante a fidedignidade prosódica e cinésica da amostra. Essa estratégia de documentação híbrida assegura a reprodutibilidade da pesquisa, critério essencial para o rigor científico em estudos linguísticos contemporâneos.

4 O sinal *DIVERSOS* como marcador de hiperônimo em Libras

A investigação do sinal *DIVERSOS* em Libras, enquanto possível marcador de hiperonímia, exige uma análise multifacetada que considere sobretudo seus aspectos formais. Como discutido anteriormente, os hiperônimos – termos de maior generalidade semântica – desempenham um papel central na organização lexical, permitindo referência abrangente a conjuntos de hipônimos (Lyons, 1977; Cruse, 1986). No contexto da Libras, porém, essa relação adquire particularidades únicas, influenciadas pela modalidade visuoespacial e pelos recursos não-manuais que modulam o significado.

Nesta seção, examinaremos como o sinal *DIVERSOS* opera, avaliando sua capacidade de generalização lexical e sua adequação aos critérios clássicos de hiperonímia. Para isso, serão analisados: a) padrões de substituição: em quais contextos *DIVERSOS* substitui uma enumeração de hipônimos (ex.: cadeira, mesa, sofá → diversos móveis), cumprindo assim uma função hiperonímica e b) variação contextual: se o sinal mantém sua função hiperonímica em diferentes campos semânticos.

Além disso, contrastamos esses achados com as expectativas teóricas estabelecidas para línguas orais, discutindo em que medida a Libras replica ou adapta os princípios da hiperonímia. Essa análise não apenas validará (ou não) o status hiperonímico de *DIVERSOS*, mas também

apontará como a gramática visual da Libras influencia a construção de hierarquias lexicais – um passo essencial para compreender a plena complexidade semântica dessa língua.

Para fundamentar a análise morfossemântica, é imperativo descrever a constituição fonológica do sinal *DIVERSOS* (figura 1). Trata-se de um sinal bimanual e simétrico, cuja Configuração de Mão (CM) é a de nº 28⁶. O sinal é articulado no espaço neutro, com a Orientação da Palma voltada para dentro (em direção ao corpo do sinalizador). O Movimento principal possui uma trajetória retilínea, iniciando-se no centro do peito e afastando-se para lados opostos. Simultaneamente a esse deslocamento, ocorre um movimento interno dos dedos indicador e médio, que se alternam rítmica e assimetricamente — enquanto um par sobe, o outro desce. Essa complexidade articulatória sugere uma base icônica de multiplicidade em movimento, que sustenta sua função gramatical de expansão de categorias lexicais.

Figura 1 - Sinal de *DIVERSOS* em Libras



Fonte: SignBank⁷(2026)

A compreensão desses parâmetros permite situar o sinal em seus distintos contextos de ocorrência. Fora das estruturas composicionais, *DIVERSOS* atua como um adjetivo quantificador, mantendo sua amplitude de movimento plena. Entretanto, no contexto desta pesquisa, observa-se que, ao integrar sinais como *TRANSPORTES* (figura 2) ou *VESTUÁRIO* (figura 3), o sinal tende a apresentar uma ligeira redução na trajetória retilínea, concentrando a carga semântica no movimento interno dos dedos. Esse fenômeno de clitização⁸ fonológica é um indício de que o sinal está sendo recrutado para uma função morfológica específica, que é a de marcador de hiperonímia. Assim, a estrutura fonológica descrita não apenas identifica o item lexical, mas fornece as pistas visuais para sua transição de um sentido puramente quantitativo para uma função de categorização taxonômica.

Ao analisarmos os sete sinais selecionados no Dicionário do INES, observamos que a morfologia desses itens obedece a uma integração sistemática. Em todos os casos, a trajetória retilínea de afastamento das mãos do marcador *DIVERSOS* atua como uma espécie do que denominamos de **moldura expansiva**. Esse mecanismo visual e cognitivo não apenas delimita o campo semântico, mas estabelece a fronteira exata em que o item lexical concreto *perde* sua especificidade e se projeta como uma categoria abstrata. A seguir, demonstramos como essa moldura se manifesta em cada domínio específico.

A análise que segue investiga a possibilidade do status hiperonímico, apontando como a gramática visual da Libras adapta os critérios clássicos de substituíbilidade e neutralidade conceitual à sua modalidade visuoespacial. O primeiro item analisado é o sinal de *TRANSPORTES* (figura 2):

⁶ Para fins de descrição dos parâmetros da Libras, apoiamo-nos na Tabela de Configuração de Mãos de Ferraz (2019).

⁷ Disponível em: <https://signbank.libras.ufsc.br/pt>. Acesso em 14 de fev. de 2026.

⁸ A clitização fonológica refere-se ao processo em que um sinal perde parte de sua autonomia articulatória ao se associar a outro sinal. No caso desta pesquisa, esse fenômeno é indicativo de um processo de gramaticalização, em que o sinal *DIVERSOS* deixa de ser um modificador livre para atuar como um afixo (morfema preso) categorizador.

Figura 2 - Sinal TRANSPORTES em Libras



Fonte: Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES⁹

O sinal TRANSPORTES (Figura 2) constitui um exemplo paradigmático para compreendermos a engenharia da hiperonímia na Libras. Sua estrutura composicional é formada pela justaposição dos itens lexicais CARRO + ÔNIBUS, seguidos imediatamente pelo marcador *DIVERSOS*. Do ponto de vista morfológico, observa-se aqui um fenômeno crucial, em que os sinais de CARRO e ÔNIBUS deixam de funcionar como substantivos independentes e passam a atuar como protótipos de categoria. Ao serem sinalizados em sequência rápida, eles não estão contando dois veículos, mas exemplificando a classe. É neste momento que o marcador *DIVERSOS* intervém, não como um adjetivo externo, mas como um operador de fechamento categorial (Ferreira Brito, 1995).

Como destacam Quadros e Karnopp (2004, p. 112), “a justaposição na Libras ocorre quando dois sinais independentes se combinam para formar uma nova unidade lexical, mantendo uma relação semântica transparente com seus constituintes”. Neste caso específico, observamos que o sinal *DIVERSOS* assume uma função crucial como marcador de hiperonímia, funcionando como um “operador de generalização semântica” (Ferreira Brito, 1995, p. 78; Santos et al., 2025).

A análise desse composto demonstra que o sinal *DIVERSOS* não funciona apenas como quantificador, mas também, em certos casos, como um marcador de categoria superior, como no caso do sinal da figura 2, ao expandir o significado específico de CARRO e de ÔNIBUS no conceito abrangente de TRANSPORTES. Esta constatação alinha-se com os postulados de Sutton-Spence e Woll (1999), ao tratar da justaposição como um elemento produtivo na criação de novos itens lexicais, servindo, no caso deste estudo, como mecanismo para criação de hiperônimos. O processo observado demonstra como a Libras emprega estratégias morfológicas particulares para expressar relações de hierarquia semântica.

Capovilla e Raphael (2001) observam que certos sinais da Libras podem assumir funções gramaticais complexas, podendo atuar como operador de generalização categorial, como compreendemos ser o caso do sinal de *DIVERSOS*. No composto analisado, ele efetivamente transforma dois itens lexicais específicos (CARRO+ÔNIBUS) em um termo genérico (TRANSPORTES), criando assim uma relação hiperonímica. Este fenômeno corrobora a observação de Stokoe ([1960] 2001) sobre a capacidade das línguas de sinais de desenvolverem mecanismos morfológicos particulares para expressar abstração e categorização.

A formação por justaposição aqui descrita demonstra como a Libras emprega recursos visuoespaciais para estabelecer relações semânticas complexas. Como observa Liddell (2003, p. 91), “a modalidade visual das línguas de sinais permite que processos morfológicos como a justaposição manifestem de forma especialmente transparente as relações entre significados específicos e gerais”. Neste caso, a combinação de CARRO+ÔNIBUS com o marcador hiperonímico *DIVERSOS* gera eficientemente uma categoria superior sem perder completamente a conexão com o item lexical base.

Didaticamente, podemos descrever esse funcionamento através do conceito de moldura expansiva. Os sinais base (CARRO/ÔNIBUS) ancoram o significado no concreto. Imediatamente,

⁹ O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

a CM nº 28 do marcador *DIVERSOS* entra em ação com sua trajetória de afastamento retilíneo. Esse movimento de *abrir* funciona metaforicamente como o apagamento das fronteiras específicas dos protótipos, projetando o sentido para uma categoria abstrata e abrangente (Meios de Locomoção). Um segundo sinal encontrado foi o sinal de JOIAS, conforme a seguir:

Figura 3 - Sinal JOIAS em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES¹⁰

O sinal correspondente a JOIAS (figura 3), reafirma a produtividade do modelo composicional de generalização semântica. Formado pela justaposição dos sinais COLAR + BRINCO + *DIVERSOS*, este composto introduz uma variável fonológica fundamental: a transição de *loci*¹¹. A Libras utiliza o espaço de sinalização para diferenciar os objetos físicos (ancorados no corpo) do conceito abstrato (projetado no espaço neutro), consolidando a formação do hiperônimo sem a necessidade de retomar a carga teórica já descrita no caso de TRANSPORTES. Nesta construção, observa-se um padrão morfossemântico recorrente na língua, em que dois itens lexicais específicos (COLAR + BRINCO) é elevado a uma categoria genérica através da adjunção do marcador *DIVERSOS*.

O terceiro sinal encontrado é o de VESTUÁRIOS, conforme a seguir:

Figura 4 - Sinal VESTUÁRIO em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES¹²

Dando continuidade à investigação, o sinal de VESTUÁRIO (Figura 4), composto por ROUPA + *DIVERSOS*, ratifica o padrão de transição espacial observado anteriormente, mas acrescenta uma camada de complexidade fonológica, que é a iconicidade do movimento interno. A base morfológica inicia-se com uma ancoragem somática, em que o sinal de ROUPA é articulado em contato direto com o tronco do sinalizante, delimitando o campo semântico ao que *veste o corpo*. Imediatamente após, ocorre a projeção para o espaço neutro, onde o marcador *DIVERSOS* é executado.

¹⁰ O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

¹¹ A transição de *loci* refere-se ao deslocamento articulatório do parâmetro “Ponto de Articulação” (PA). Neste contexto, designa o movimento das mãos que abandonam os pontos de contato no corpo (ancoragem icônica) para se posicionarem no espaço neutro, espelhando a operação cognitiva de desvinculação do objeto concreto em favor da generalização abstrata

¹² O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

O diferencial analítico neste composto reside na execução da CM nº 28. Diferentemente de um movimento rígido, aqui os dedos indicador e médio realizam um movimento interno alternado (oscilação vertical) simultâneo à trajetória de afastamento, o que pode ser interpretado como uma metáfora visual de heterogeneidade. Enquanto a trajetória retilínea (a moldura) define o tamanho da categoria (o todo), o movimento oscilatório dos dedos representa a diversidade interna dos elementos (tecidos, formas, tipos de peças). Essa combinação refina a função do marcador que não apenas generaliza, mas qualifica a classe como *diversificada*, fazendo com que a justaposição passe a significar *uma roupa* para significar *indumentária* ou *o universo do vestir*.

Tendo estabelecido, por meio das análises precedentes, o padrão composicional no qual o sinal *DIVERSOS* atua como marcador hiperonímico, procedemos à apresentação sintética dos demais itens lexicais identificados. Esta abordagem concisa justifica-se pela consistência estrutural observada em todas as ocorrências, que seguem o mesmo paradigma semântico-composicional. Os sinais restantes do *corpus* confirmam a função hiperonímica de *DIVERSOS* quando em composição: METAIS (Figura 5), MOBÍLIA (Figura 6), POLIGLOTA (Figura 7) e VERDURAS (Figura 8):

Figura 5 - Sinal METAIS em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES¹³

Figura 6 - Sinal MOBÍLIA em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES¹⁴

Figura 7 - Sinal de POLIGLOTA em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES¹⁵

¹³ O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

¹⁴ O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

¹⁵ O sinal do INES pode ser acessado pelo link: <https://dicionario.ines.gov.br/>. Acesso em: 14 de fev. de 2026.

Figura 8 - Sinal de VERDURAS em Libras



Fonte: Elaborada pelos próprios autores (2026), baseando-se no Dicionário do INES

A análise sequencial dos compostos METAIS (FERRO+*DIVERSOS*), MOBÍLIA (CASA+OBJETO+*DIVERSOS*), POLIGLOTA (LÍNGUA+*DIVERSOS*) e VERDURAS (ALFACE+*DIVERSOS*) demonstra com notável consistência o funcionamento do sinal *DIVERSOS* como operador morfossemântico na construção de hiperônimos na Libras. Nos quatro casos analisados, observa-se um padrão unívoco: um signo concreto e específico (como FERRO ou ALFACE) é elevado a status categorial abrangente mediante a adjunção do marcador *DIVERSOS*, que opera como indutor de generalização semântica. Para fins de sistematização, agrupamos esses dados em três eixos de atuação semântica.

O primeiro é o de domínios de substância e utensílio: nos sinais de METAIS (FERRO + *DIVERSOS*) e MOBÍLIA (CASA + OBJETO + *DIVERSOS*), o marcador atua sobre uma base material concreta. Em ambos, a trajetória retilínea de afastamento rompe com a especificidade do objeto (o ferro ou a casa) para designar a *classe de materiais* ou o *conjunto de bens* que guarnecem um ambiente.

O segundo incide no domínios de taxonomia natural: no composto VERDURAS (ALFACE + *DIVERSOS*), aplica-se a lógica de *prototipicidade*. Nesse contexto, a escolha do item lexical ALFACE não é aleatória, mas culturalmente motivada, pois atua como o membro mais saliente da categoria na comunidade linguística brasileira. Cognitivamente, opera-se aqui uma Metonímia (membro pela categoria), em que a parte mais representativa do hábito alimentar surdo é recrutada para ancorar o conceito geral de vegetais, antes de ser expandida pelo marcador *DIVERSOS*. O sinal de ALFACE funciona como o exemplar mais acessível da categoria (o protótipo cognitivo), e a adjunção do marcador *DIVERSOS* estende o significado para todo o reino vegetal comestível, validando o teste de substituíbilidade de Cruse (1986) de que o sinal composto pode substituir qualquer hipônimo (como couve ou rúcula) em um contexto genérico (Rodero-Takahir et al., 2020).

O terceiro é o domínios de competência abstrata: o caso de POLIGLOTA (LÍNGUA + *DIVERSOS*) merece destaque singular por sua natureza imaterial. Aqui, o marcador *DIVERSOS* não quantifica objetos físicos, mas habilidades cognitivas. A CM nº 28 com movimento interno, ao ser executada após o sinal de LÍNGUA, cria uma metáfora visual de fluidez entre sistemas. Essa construção reflete a “Metáfora Conceitual” (Lakoff; Johnson, 1980) de que *conhecimento é quantidade/ espaço*. A trajetória de afastamento não indica várias línguas soltas, mas a capacidade do sujeito de transitar por múltiplos códigos, consolidando o status de *DIVERSOS* como um operador capaz de categorizar até mesmo conceitos abstratos.

A recorrência desse padrão em domínios semânticos tão diversos sugere, nos termos de Moura e Silva (2018), que estamos diante de um princípio organizacional fundamental do léxico da Libras, demonstrando como a língua emprega recursos visuoespaciais para construir sistemas de classificação altamente estruturados sem perder a transparência motivacional de seu item base.

Quadro 1 - Recorrência da estrutura

Conceito Final	Componentes Lexicais	Função do Sinal DIVERSOS
TRANSPORTES	CARRO + ÔNIBUS + <i>DIVERSOS</i>	Marcador Categorial (Meios de Locomoção)
JOIAS	COLAR + BRINCO + <i>DIVERSOS</i>	Generalizador Semântico (Adornos)
VESTUÁRIO	ROUPA + <i>DIVERSOS</i>	Operador de Abstração (Indumentária)
POLIGLOTA	LÍNGUA + <i>DIVERSOS</i>	Taxonomia de Competência (Habilidade)
METAIS	FERRO + <i>DIVERSOS</i>	Classificador de Substância
MOBÍLIA	CASA + OBJETO + <i>DIVERSOS</i>	Categoria de Utensílios
VERDURAS	ALFACE + <i>DIVERSOS</i>	Taxonomia Natural (Vegetais)

Fonte: Elaboração/Autoria própria (2026)

A análise desses dados demonstra que a função hiperonímica do sinal *DIVERSOS* convive com sua função adjetiva de pluralidade, configurando um fenômeno de polissemia funcional. Enquanto em enunciados como *TENHO AMIGOS DIVERSOS*, o sinal atua como adjetivo quantificador indefinido, nos compostos analisados ele opera a transposição do item específico para a classe taxonômica.

Esse deslocamento evidencia um claro fenômeno de gramaticalização, em que o sinal sofre um esvaziamento de seu sentido puramente quantitativo para assumir a função de um sufixo categorizador. A clitização fonológica identificada nas análises (marcada pela redução de amplitude e aumento de velocidade articulatória) constitui um indício material desse fenômeno, em que o sinal perde autonomia lexical para ganhar produtividade morfológica. Em síntese, a regularidade dos padrões composicionais confirma que a iconicidade de expansão do marcador não é recrutada para a mera enumeração de itens, mas para operar o fechamento de uma categoria abstrata. Tal constatação reforça a tese de que a Libras dispõe de mecanismos morfossemânticos próprios e econômicos para expressar generalizações, desafiando a visão de que línguas de sinais dependeriam exclusivamente de classificadores ou empréstimos para a formação de taxonomias complexas.

Considerações finais

Reconhecemos que este estudo, embora não esgote as inúmeras possibilidades analíticas, representa um avanço significativo na compreensão dos processos semânticos na Libras, especialmente no que se refere ao papel do sinal *DIVERSOS* como marcador hiperonímico. Os padrões estruturais e funcionais identificados – que se mostraram sistemáticos nas composições analisadas – não apenas sustentam a hipótese central desta pesquisa acerca da organização lexical na Libras, mas também abrem novas perspectivas para sua aplicação em contextos pedagógicos e na prática tradutória.

Todavia, assumimos conscientemente as limitações desta investigação, que se restringiu à análise das relações hiperonímicas, deixando para estudos futuros a exploração de outras potencialidades semânticas do sinal em questão, como sua função enquanto marcador de pluralidade. As análises e discussões aqui apresentadas, ainda que preliminares, reforçam a necessidade de aprofundamento das pesquisas voltadas aos mecanismos de formação e categorização lexical na Libras, sempre levando em consideração sua natureza visuoespacial única.

É preciso enfatizar que a Libras não apenas emula a hiperonímia, mas a reconfigura através da simultaneidade visual. A singularidade da Libras reside na subversão da linearidade saussuriana. Diferentemente da linearidade característica das línguas orais, em que a substituição

de um hipônimo por um hiperônimo (ex: *carro* por *veículo*) apaga momentaneamente a especificidade do primeiro, a Libras opera sob a égide da simultaneidade. Ao utilizar o sinal *DIVERSOS* em processos composicionais, o sinalizante mantém a ancoragem visual dos itens específicos (como veremos adiante) ao mesmo tempo em que projeta a categoria genérica, criando uma rede de significação onde o geral e o específico coabitam o espaço de sinalização (Santos, 2019).

A simultaneidade na Libras, especificamente na formação de hiperônimos com o sinal *DIVERSOS*, pode ser explicada pela Teoria da Mesclagem Conceitual (Fauconnier; Turner, 2002). O sinalizador cria um espaço de amálgama onde a estrutura genérica do marcador hiperonímico e a estrutura específica do hipônimo se fundem. O resultado não é uma soma de sinais, mas uma nova entidade mental onde o traço de diversidade do marcador *DIVERSOS* se torna a moldura que sustenta a categoria lexical.

Embora a literatura aponte para o uso de classificadores e estratégias icônicas como principais vias de hiperonímia, nota-se uma lacuna na descrição de marcadores lexicais gramaticalizados que operam essa função de modo sistemático, como o sinal *DIVERSOS*, foco deste estudo.

Propõe-se, assim, que o sinal *DIVERSOS* atravessa um processo de gramaticalização. Ele migra de um domínio lexical concreto (indicando multiplicidade visível) para um domínio funcional abstrato (operador de classe). Essa transição é o que permite à Libras estruturar conceitos de alta abstração sem perder a motivação icônica, equilibrando a economia linguística com a precisão terminológica.

Dessa forma, esta investigação se posiciona como uma contribuição inicial para um campo de estudos ainda em expansão, ressaltando a urgência de políticas linguísticas que reconheçam e valorizem a complexidade gramatical da Libras, bem como fomentem a produção de materiais didáticos e tecnológicos condizentes com sua estrutura singular. Por fim, reafirmamos a relevância de compreender tais processos semânticos não apenas para o desenvolvimento teórico da linguística de línguas de sinais, mas também para práticas sociais essenciais, como o ensino de Libras, e a interpretação e tradução, favorecendo, assim, a efetivação dos direitos linguísticos da comunidade surda.

No âmbito do ensino de Libras como primeira ou segunda língua, o reconhecimento de *DIVERSOS* como marcador de morfosemântico contribui para superar metodologias baseadas na mera memorização de lista de vocabulário, instrumentalizando os discentes a compreenderem e aplicarem mecanismos autônomos de expansão de categorização lexical. Já na esfera da tradução e interpretação, os achados oferecem estratégias operacionais diretas aos profissionais. Diante de lacunas lexicais ou da necessidade de lidar com termos hiperonímicos oriundos do português em contextos de interpretação simultânea (como interpretar EQUIPAMENTOS ou VEÍCULOS), o intérprete dispõe de um recurso gramatical sistemático e mapeado para construir categorias abstratas em Libras de forma cultural e linguisticamente ancorada, garantindo fluidez e precisão semântica.

Referências

ABREU, Walber Gonçalves de. *Processos de formação de sinais: um estudo sobre derivação e incorporação nominal na língua brasileira de sinais*. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

AMARAL, Luana. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Vozes, 2016.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

BATISTA, Jerlan Pereira. *A variação lexical em libras em três municípios do Estado de Alagoas*. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CANÇADO, Márcia. *Semântica lexical*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. v. 2. São Paulo: EDUSP, 2001.

CRUSE, David Alan. *Lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

DUBOIS, Jean; DUBOIS-CHRISTIANE, Françoise; MITTERAND, Henri; GUILBERT, Louis. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. *Libras em contexto*. 8. ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

FERREIRA BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, Vitória Régia Santos. *Processamento da correferência anafórica de hiperônimos e hipônimos em português brasileiro: evidências de movimentação ocular*. 2018. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2018.

FERNANDES, Francisco Alisson. Relações semântico-lexicais como objeto de ensino em aulas de língua portuguesa: a hiperonímia na produção textual. *Academia.edu*, 2021. Disponível em: <https://www.academia.edu/84739276>. Acesso em: 24 abr. 2025.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição fonológica na Libras*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LEHRER, Adrienne. *Semantic fields and lexical structure*. Amsterdam: North-Holland, 1974.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LIDDELL, Scott K. *Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, Scott K.; JOHNSON, Robert E. *American Sign Language morphology*. Washington: Gallaudet University Press, 2011.

LYONS, John. *Semantics*. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOURA, Maria Cecília. *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2013.

MOURA, Maria Cecília; SILVA, Ana Paula. *Linguística aplicada à língua de sinais*. Curitiba: CRV, 2018.

MURPHY, Margaret Lynne. *Semantic relations and the lexicon: antonymy, synonymy, and other paradigms*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

OLIVEIRA, Carlos Alberto Matias de; STELLA, Paulo Rogério. A cor do sinal: circulação de discursos racistas em sinais da Libras. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 63, n. 3, p. 508–525, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8676265>. Acesso em: 29 jun. 2025.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. São Paulo: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. *Estudos surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, Ronice. Müller.; MACHADO, R. N.; SILVA, JAIR BARBOSA DA. *Introdução ao Estudo da Libras*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2025. v. 1. 235p.

REIS, Leidiane da Silva; QUADROS, Ronice Müller de. Potencialidades semântico-lexicais na (re)construção do referente em línguas de sinais. *Sign Language Linguistics*, v. 25, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/100133>. Acesso em: 28 jan. 2025.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.

RODERO-TAKAHIRA, Aline Garcia; SCHER, Ana Paula. Classificando os Compostos da Libras. *Porto Das Letras*, v. 6, n. 6, p. 152-180, 2020.

SANTOS, Marcos de Moraes; GRUTZMACHER, Marcos; SEDRINS, Adelson Pinheiro. Estudo comparativo entre crianças surdas e ouvintes acerca da produção de hiperônimos e hipônimos. *Muiiraquitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 11, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/6921>. Acesso em: 28 jan. 2025.

SANTOS, Marcos de Moraes; SILVA, Jair Barbosa da; SOUSA, Alexandre Melo de. Produção Lexical em Libras: estudo comparativo entre adultos surdos e ouvintes. *Interletras* (Dourados), v. 11, p. 1-17, 2024.

SANTOS, Elis Maria Barbosa Silva dos; BARROS, Ricardo Oliveira; QUIXABA, Maria Nilza Silva. Processos de composição dos sinais em Libras dos bairros de São Luís. *Littera: Revista de*

Estudos Linguísticos e Literários, v. 16, n. 31, 27 nov. 2025 Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/littera/article/view/25426>. Acesso em: 16 fev. 2026.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. Produtividade lexical e produções lexicográficas em uma língua sinalizada. *Revista da Anpoll*, v.1, n.48, 114–123, 2019. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1213>. Acesso em 15 de fev. De 2026.

SILVA, Ana Paula. O uso de hipônimo e hiperônimo como mecanismo de referência. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS EM INTERAÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES, 4., 2013, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2013.

STOKOE, William C. *Language in hand: why sign came before speech*. Washington: Gallaudet University Press, 2001.

BOLDO, Jaqueline; STUMPF, Marianne Rossi. Expressões idiomáticas da Libras: um estudo em lexicografia: (in)traduzibilidade. **Tradterm**, São Paulo, v. 45, p. 311-331, 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/tradterm/pt_BR/article/view/212891 Acesso em: 29 dez. 2025.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. *Introdução à linguística de língua de sinais*. São Paulo: Artmed, 2007.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. *The linguistics of British Sign Language: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

VEREZA, Solange Coelho. Contextualizando o léxico como objeto de estudo: considerações sobre sinonímia e referência. *Revista Delta*, v. 16, n. 1, p. 83–98, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/x3ZVpH4tTgWCpSRfbnWkTHG/>. Acesso em: 24 abr. 2025.

Submetido em 16/02/2026

Aceito em 15/09/2026